

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha da Tarde

Class.: Tapajuna 24

Data: 19.07.69

Pg.: _____

A missão dos beijo-de-pau | Telmo Ferrari

Vivemos, em realidade, a era dos observadores. Técnicos. Políticos. Económicos. Militares. Até os índios beijo-de-pau, amigos, já estão na onda, enviaram dois observadores à Guanabara, que desenvolvem grande atividade da Barra da Tijuca ao Meier. Os robustos beijo-de-pau não escondem de ninguém (muito menos da imprensa) sua missão: ver, e de perto, meticulosamente, como se portam e vivem os civilizados, o homem branco, as suas reações, seus meios de sobrevivência, transporte, alimentação, etc.

Os embaixadores da tribo beijo-de-pau (das mais antigas do Brasil segundo o sertanista Orlando Vilas Bras) são jovens. Muito mesmo. Chamam-se Cairá, de 15 anos, e Tiriri, de 17. Ambos "bommitões", de estatura mediana, fortes, sorridentes. E extremamente simpáticos. Como convém aliás, a diplomatas...

A juventude, como se observe, não abala e "dá as tintas" somente em Londres, Paris e Nova Iorque. Também domina as selvas, impõe, escolhe e nomeia observadores, que viajam para tomar contacto com o chamado meio-civilizado.

E' de se ver Cairá e Tiriri no asfalto carioca. Pare-

cem espantados, olham muito, falam constantemente, trocam sorrisos. Os dois beijo-de-pau, em Copacabana, por exemplo, observaram bastante os carros (em disparada), os ônibus (apinhados de gente), a altura dos edifícios, o pessoal jogando futebol na praia, as moças de biquini, fumando, se pintando, lendo, e Tiriri adoraram o mar. Não ouvindo rádio de pilha. Cairá o conheciam, entraram nele, nadaram. Gostaram, repetiram a dose, vibraram. Tiveram, no entanto, uma decepção: provaram, num excesso de curiosidade, a água do mar e condenaram-na, evidentemente, por causa do sal.. Não toparam. Nem um pouco. Estão habituados aos rios, de água doce, de cor mais carregada. Água doce — disse Cairá — gostosa, boa para a saúde...

Os beijo-de-pau, no duro, no duro, mais parecem crianças em férias que diplomatas em serviço... Apreciam, imenso, andar no trenzinho do Parque do Flamengo. Cercados de meninos e meninas. Não queriam saltar do trem por nada dessa vida. De que mais gostaram? Aí vai: pipocas; subir no Pão-de-Açúcar, no bondinho aéreo; assistir ao Teatro de Marionetes, no Alto da Boa Vista; conhecer o Maracanã, em tarde de futebol (Flamengo x Botafogo);

e de atravessar, em aerobarco, a baía da Guanabara, rumo a Niterói. Por sua vez, não toparam muitas coisas. Por exemplo: cinema (por causa do barulho); salão de beleza ("muito sacrifício para nós", comentaram); água clorada, feia; a Lagoa Rodrigo de Freitas, mal cheirosa, das torneiras, excessivamente cujas águas envenenadas matam, aos milhares, os peixes; as ruas centrais do Rio (Ouvidor, Gonçalves Dias e outras), onde não se pode andar à vontade, sem bater nos outros; fotógrafos e cinegrafistas ("parecem alucinados, não largam a gente, estão nos assustando sempre"...).

E' curioso: o homem branco, hoje, mostra o Rio aos índios, como dono da casa. Não se deve esquecer o tempo em que eles, índios, é que recebiam os brancos nestas mesmas praias. Pero Lopes de Souza, em carta escrita em 1539, conta como os portugueses foram recebidos, na GE, por "um grande rei, senhor de todos aqueles campos". Esse rei ofertou aos visitantes "muito cristal e deu novas como no Rio Paraguai havia ouro e prata". Agora, os brancos mostram aos emissários dos beijo-de-pau as terras que foram do grande rei. "senhor dos campos que se estendiam das praias das montanhas..."